O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21

Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 36.º — Sábado, 20 de Novembro de 1943 — N.º 1811

VISADO PELA CENSURA

A Pátria já não está doente

Foi num momento de excepcional acuïdade da vida portuguesa — o dos julgamentos do 18 de Abril — que um ilustre oficial, general do nosso Exército, assinalou, como perigo a que urgia dar remédio, todo um sistema de derrocadas interiores no edifício gigante da nação.

Uma só frase — expressiva e breve, com estridência galvanizadora de clarim — acordou, de norte a sul, latentes energias.

— *A Pátria está doente!* — afirmou, então, o sr. General Carmona.

E que êsse aviso, êsse sinal de alarme não foi proferido em vão, demonstra-o a própria Revolução Nacional, porventura nascida do seu brado de alerta.

Daí à mais alta magistratura do país — como de sempre até aí — a acção do Chefe do Estado revela, através de altos serviços, a linha tradicional das mais nobres virtudes portuguesas. Constituem exemplos, justos motivos de orgulho para o povo que soube merecê-lo, todos os passos da sua notável carreira militar e política.

Não se limitou o sr. General Carmona a denunciar a doença da Pátria — e muito teria feito já se a tal se houvesse limitado. Tomou, antes, os postos de maior sacrifício na emprêsa heroica de a salvar, dando-lhe o seu entusiasmo, a sua fé e o seu prestígio.

As ilhas atlânticas e os longínquos territórios do ultramar receberam, com a sua visita, a visita da alma da metrópole, que tal presença simbolizava o refortalecer das raízes que prendem uns aos outros — como paìsagem espiritual sem destrinças — pedaços irmãos de indissolúvel Império.

A Pátria já não está doente. E o que dessa cura milagrosa se deve ao sr. General Carmona sabem-no todos os portugueses tão bem que se torna desnecessário relembrá-lo.

24 de Novembro — data do seu aniversário natalício — marca, pois, a trajectória de uma vida projectada na História contemporânea nacional. 24 de Novembro será, assim, um dia de regosijo em todo o Império, festa íntima em tôdas as latitudes onde pulsar um coração português.

P. S.

Rua do Loureiro

As obras que se fizeram há pouco num casebre da esquina levam-nos a crer que aquela artéria, onde o sr. Amadeu Amador mandou construir uma linda vivenda, tarde ou nunca se endireitará.

Coisas da nossa terra onde qualquer melhoramento que se veja leva sempre um quarto de século a fazer-se.

Pelo menos.

Dr. António Brêda

Tivemos na quarta-feira à noite o grato prazer de abraçar nesta cidade o distintíssimo médico e cirurgião de Agueda, figura marcante e de grande relêvo no distrito onde é justamente considerado pelos seus méritos científicos, pelo seu carácter, pela generosidade do seu coração magnânimo.

Agradecidos ao dr. António Brêda, velho amigo e companheiro na propaganda republicana, pelo ensejo que nos deu de o vermos depois duma longa ausência do nosso convívio.

A-pesar-de morarmos perto.

Falta de espaço

Por êste motivo deixamos de inserir esta semana, além de outros originais, a *Secção Feminina*, a cargo da sr.ª D. Maria da Conceição Nobre, nossa apreciada colaboradora da capital.

Que nos desculpem os seus autores.

HORAS FATÍDICAS

Num trágico acidente de automóvel perderam a vida os srs. Ministro das Obras Públicas e eng. Gomes de Amorim

Portugal perante o desaparecimento do ilustre membro do Govêrno

Foi na segunda-feira.

Pelas 7 horas saíra de Lisboa para Vila Viçosa a-fim-de visitar as obras do monumento a D. João IV que brevemente vai ser inaugurado e outras de urbanisação também em curso, o sr. eng. Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, que se fazia acompanhar dos srs. arquitecto Baltazar de Castro, eng. Gomes de Amorim, eng. João Carmona e eng. Raul Mesquita de Lima, seu secretário particular, Ao volante do carro o motorista Joaquim Marques e ao lado dêste o correio de ministros Venâncio Marques. A viagem decorrera normalmente, tendo o sr. Ministro das Obras Públicas iniciado o regresso depois de almoço, haviam de ser umas 15 horas. Como, porém, desejasse chegar a tempo de assistir a um Conselho de Ministros marcado para as 18 horas, recomendou ao *chauffeur* que imprimisse a maior velocidade ao carro e de aí o desastre que o vitimou e a um dos seus companheiros — o sr. eng. Gomes de Amorim.

Deu-se o acidente por alturas de Vendas Novas. Como a estrada estivesse molhada e em certos pontos se apresentasse nos altos e baixos, assim uma espécie de *montanha russa*, o auto derrapou, foi chocar com um sobreiro, que derrubou, tal a violência da pancada, e então a morte do grande estadista, que tanto impressionou o país ao ser conhecida pelos jornais diários.

Nesta cidade todos os edifícios públicos e associações locais içaram as bandeiras nas suas fachadas a meia adriça, tendo ido a Lisboa assistir ao funeral do sr. eng. Duarte Pacheco, realizado com carácter nacional, quarta-feira, os srs. Governador Civil, vice-presidente da Câmara e dr. Querubim Guimarães, deputado e presidente da U. N.

Todos os outros ocupantes do carro ficaram mais ou menos feridos, excepto o motorista, que saiu incolume do desastre.

* * *

A Pátria está de luto! Sim. Morreu o eng. Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas e Comunicações. Um desastre brutal arrebatou-o à Pátria, em plena actividade e quando, precisamente, exercia as suas funções. Morreu, por isso, no seu pôsto. Até a morte o encontrou a trabalhar, a êle para quem tudo era acção, trabalho, vontade de beneficiar a Pátria, remoçá-la em todos os aspectos; a êle, que era o maior animador da obra de renovação material da Revolução. Caíu no cumprimento do dever. O homem para quem não havia fadigas, que possuía o segrêdo de vencer todos os obstáculos, desaparece inesperadamente da vida portuguesa, no momento em que a sua obra era coroada por aquilo a que pode chamar-se um grande testamento político — o Decreto, que prevê a urbanização de todos os agregados populacionais do país.

A nação sarara as suas feridas através de uma obra parcelar e ordenada. Entrára no trilho seguro dos rumos imperiais, definidos na doutrina de Salazar, objectivados na acção do eng. Duarte Pacheco.

Reparadas e construídas inúmeras vias de comunicação, apetrechados os portos, restaurados os monumentos, melhorados os serviços postais, impulsionada a rádio-difusão — o Ministro cuja obra chegara a tôdas as cidades, vilas e aldeias — olhou o plano geral da urbanização do país, cúpula grandiosa da sua obra, justo título de glória do seu esfôrço. Tamanha emprêsa não poderá o tempo demoli-la. O nome do seu autor entrou nos umbrais da História para figurar ao lado dos grandes construtores do Império, dos grandes da Pátria. As suas realizações materiais — desde o Instituto Superior Técnico, a Auto-Estrada, a Estrada marginal, o Estádio Nacional, a Exposição do Mundo Português, a Cidade Universitária de Coimbra, até aos melhoramentos rurais, que levaram a presença revolucionária às mais pequenas aldeias do país — falarão, pelos séculos fora, dêste grande obreiro da Revolução Nacional, ensinando às gerações vindouras os caminhos construtivos do futuro.

Resolvido o problema do desemprêgo, neutralizados os efeitos do ciclone de 1941, levantada tôda essa obra que se vê e se sente na vida portuguesa — projectando-a em mais largos horizontes e espelhando-a por todo o mundo — dela se pode concluir que o homem interpretou superiormente a doutrina, transplantando para o campo das realizações materiais os seus princípios de ordem política, dando à nação um apetrechamento indispensável à sua vida e impondo-lhe uma admiração incondicional e espontânea por tão gigantesco empreendimento.

O exemplo da larga visão dêste português, os caminhos e escolas que abriu, o património histórico que reparou, o turismo que valorizou, o pão e trabalho que deu a tantos milhares de homens, numa palavra: a doutrina que animou e serviu, constituem uma eloqüente lição a seguir pelos portugueses, desde as equipas de técnicos que descobriu, a todos os que comungam a idea do ressurgimento pátrio.

Portugal está de luto. A' galeria dos Grandes que construíram êste nome eterno, outro se foi juntar — o eng. Duarte Pacheco. Que a sua mocidade, a sua ânsia de melhor, a sua sêde insaciável de acção, de vida, sejam lêma e guia dos que herdam as responsabilidades da continuïdade da obra revolucionária, de todos os que velam pelo engrandecimento de Portugal.

De vez emquando

Escrevo sentado a uma das mezas do nosso formoso Parque.

Na minha frente o lago onde nadam os cisnes.

Os passarinhos emudeceram e em volta de mim só se ouve o cair das folhas sêcas, que se desprendem do arvoredo.

Tudo aqui é silêncio. Medito. No meu coração, porém, há alegria — aquela alegria que me tem acompanhado através a existência e é ainda o melhor antídoto para a conservação da vida. Medito, sim, penso e recordo. O que isto foi e aquilo em que se transformou!

O chamado Jardim de Santo António, que fica ali em cima, era o ponto de reünião da academia — nas horas vagas... Para lá convergiamos todos, lá nos divertiamos, lá combinavamos judiarias, lá praticavamos o desporto e lá também namoravamos.

Que tempo! Que tempo!

Depois a Senhora da Ajuda com a sua fonte, os lavadouros, as cantigas do mulherio, a coscovilhice, os enredos... Tudo isso era facetado de jovialidade, às vezes de emoções, de sentimento, de romantismo...

As horas passavam vertiginosamente, sucediam-se os dias, as semanas, os meses. E por fim, anos volvidos, que vejo eu? O jardim transformado; em baixo êste Parque de que orgulhosamente nos ufanamos e da Senhora da Ajuda, nada — nem vestígios! Desapareceu para, em substituïção, gozarmos coisas novas, a condizerem com a época. Seja. Pela minha parte posso garantir, afiançar, que até gosto e por isso acompanho o poeta quando, ao lembrar um passado amoroso e a aproximação de duas bôcas, tantas vezes em contacto, escreveu, recordando-o nêste inspirado soneto:

Custa-me ver fugir a mocidade,
o sol bemdito que a existência aquece,
como visão fugaz que se perdesse
no azul sem fim que a escuridão invade...

Quando meço a extensão de minha idade,
e sinto que em meus dias anoitece,
um vago apreender, que me entristece,
esvoaça entre as brumas da saüdade...

Mas, pensando no amor que nos domina,
logo em riso a minha alma se ilumina,
vencendo a sombra anciosa que o toldou;

Como háde o tempo em nós vincar seus danos,
se os beijos que me dás têm vinte anos...
e vinte anos os beijos que te dou?...

JOÃO DO CAIS

Depois da guerra

Calcula-se que após o conflito mundial, ainda em curso, se modificará por completo o sistema de viação e comunicações, pensando-se em grandes indústrias automobilistas para construção de carros ao alcance de tôdas as bolsas, como acontecia na América. E fala-se, até, já, num modêlo para duas pessoas que não custaria mais, em equivalência com a moeda actual, de dois mil escudos!

Mas isso poderá ser, entre nós?

Incêndio em Coimbra

A cidade de Minerva foi na quinta-feira de madrugada teatro de um grande incêndio, que destruiu quási por completo o edifício do govêrno civil e bem assim os arquivos de outras repartições que nêle se achavam instaladas. Os prejuízos elevam-se, portanto, a muitas centenas de contos e mais seria se o ataque dos bombeiros não fôsse tão profícuo, como se verificou. Trabalharam os heróicos soldados do fôgo denodadamente, pelo que são dignos do maior elogio.

De Aveiro foi o pronto-socorro da Companhia Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, mas não chegou a trabalhar.

Vida militar

Deixou, temporàriamente, o comando do regimento de Infantaria 10 para ir reger cadeira no Instituto dos Altos Estudos Militares, em Caxias, o sr. coronel João da Encarnação Maçãs Fernandes, que há meses fôra promovido àquele elevado posto do Exército.

Durante o seu impedimento ficará a substituí-lo o sr. tenente-coronel Diamantino do Amaral.

Escola Industrial e Comercial de Aveiro

De longa data sabe Aveiro que a sua Escola Técnica está de tal maneira mal instalada que aquilo não é, positivamente, uma Escola; e a tal ponto isto se tornou notado, que pela Direcção Geral foi dada ordem para mudar de casa, o mais depressa possível.

O Director da Escola começou a trabalhar e esforçou-se ao máximo para conseguir uma casa e depois de várias peripecias ela apareceu. Há dinheiro para as obras a executar, há ordem para se celebrar o contrato de arrendamemto, mas parece que há também um propósito firme, pelo menos os factos levam-nos a acreditar, de dificultar essa pretensão.

Lamentamos, porque a Escola Industrial e Comercial Fernando Caldeira peecisa de instalações condignas para poder funcionar de harmonia com o ensino que ministra.

Ou não?

Ainda a propósito da obra de Camilo nas suas relações com Aveiro

pelo dr. Alberto Souto

Já agora, mais algumas palavras de lembrança e algumas evocações.

Os meus dois artigos sôbre *O Olho de Vidro* e a localisação das cênas do seu epílogo, pouca importância têm, mas foram aqui publicados, como disse, em 1922. Por sinal que, escritos no princípio de outubro dêsse ano, suscitou-nos, em íntimo lance, a vista da Quinta da Oliveira:

«*a acção fecha-se entre Aveiro e Verdemilho onde morreu, como santo, o* Velho da Ermida *na choupana duma quinta solitária que eu enxergo da minha janela no momento em que escrevo, quando regresso ao tugúrio da minha aldeia depois de um ano de amargoso e ancioso desterro*». (Democrata, n.º 727).

Efectivamente chegara eu dos altos da serra da Estrêla onde me demorara uns meses, ao voltar da Suíça para onde, muito doente, saíra em novembro de 1921, extenuado de trabalho e desgôsto com a lamentável luta política que se seguira em Aveiro à campanha das obras da Barra.

Apenas me apanhei de novo no Bonsucesso, sequioso da vista da nossa planura, da nossa ria, do nosso mar, escapo da morte e farto dos píncaros das montanhas, dos granitos escuros do Ermínio e do alvadio das neves dos Alpes, fiz o que faria qualquer dos nossos marinhões: subi ao mirante para ver a planura, a ria, o mar, predilecta paìsagem materna cuja falta tanto agravara de nostalgia os males do meu corpo e do meu espírito. E dei com os olhos nos telhados vistosos que o João Maria de Oliveira poz a substituir os outros que um incêndio destruira e se haviam alcandorado sôbre as ruínas da Quinta da Senhora do Carmo. Logo me veio à mente a cêna do *Olho de Vidro* e mal encerrado neste jornal o artigo XIV das *Cartas de um Perigrino*, àcêrca do *Museu do Louvre*, abordei o problema da localização do epílogo do romance camiliano.

Como deixar no desinterêsse e no olvido da cidade de Aveiro e dos meus conterrâneos, a honrosa referência e o romanesco passo da obra de Camilo?...

Essa quinta, antes de ser pertença da família Melício, hoje totalmente extinta, foi do *Fidalgo Sapateiro*, que assim ficou conhecido por ali um dos denunciantes ou testemunhas da conspiração dos Tavoras contra D. José. O *Fidalgo Sapateiro* viera viver para ali amezendado pela protecção do grande verdugo que foi Pombal.

O *Velho da Ermida* teria expirado vinte e dois anos antes do atentado contra o rei e da carnificina do patíbulo de Belém em que foi bárbaramente executado o último duque de Aveiro. Um dos filhos do dr. *Olho de Vidro*, feito jesuíta, teria perecido, segundo Camilo, no terramoto de Lisboa. Estamos no século XVIII. Camilo diz mesmo—1737.

A Quinta da Oliveira, que assim se designa na matriz predial e nos documentos, é também conhecida por quinta da Senhora do Carmo porque tinha um vistoso portal, quási em frente ao Outeirinho, em cujo cimo se via uma imagem da Virgem do Carmelo. Esse portal ruiu há anos e bem pena foi, porque era uma curiosa e evocativa sinalização do local. As casas da quinta ficavam voltadas para Ilhavo sôbre o vale da Amarôna, no limite dos concelhos. O sítio é ameno e pitoresco, com levadas de água que lhe correm cerce, e fontes e tanques azulejados e ornados daquelas modelações em argamassa que se usavam muito nas quintas dos nossos arrabaldes nos séculos XVII e XVIII e que ainda se vêem na *Mina*, em Esgueira, na Senhora das Dores e no Ribeiro de Verdemilho. Verdejam versadas e arvoredos em volta, assobiam melros e, na Primavera, trinam rouxinois...

Da quinta da Senhora das Dores e do Outeirinho lá, são dois passos; o passeio é fácil e agradável e Verdemilho nem só por isto é digno de uma visita.

Conheci junto das velhas casas a capela de que fala Camilo, capela cujas paredes ainda existem e assisti ao remover das suas imagens e retábulos quando da última venda da propriedade. Esses restos foram recolhidos na quinta da Boa-Vista, ali nas arribas de Aradas, em frente ao

Lila, por D. Felicidade Monteiro Melício, ilustrada senhora e parente minha que me criou.

A capela, porém, não deveria ter sido utilizada para o culto pelo *Velho da Ermida*, pois êsse velho não era outro personagem senão o doutor Francisco Luiz de Abreu, que fôra lente de medicina em Coimbra e que, com sua esposa, fugira de Portugal diante das brutais perseguições da Inquisição.

Ora êste doutor Francisco Luiz de Abreu, de sangue israelita, era um filósofo, um agnóstico; professava as doutrinas do ilustre Spinosa, não acreditava nas práticas exteriores das religiões e só cria na eficácia moral da virtude e do bem que praticava. A caridade era a sua religião verdadeira e os pobres constituíam a sua família e única preocupação.

Recusou os serviços religiosos na hora da morte e acabou como um santo entre as lágrimas e a benção da pobreza dos arredores, assistido pelo já então padre Braz Luiz de Abreu, o fanático *Olho de Vidro*. A capela não lhe servia, pois, para o culto; sugeriu apenas o epiteto com que o romancista o alcunhou.

Mas teria existido e vivido ali realmente o *Velho da Ermida* ou será tudo aquilo uma fantasia do escritor?

Marques Gomes, como eu disse, e depois dele o sr. dr. Alfredo Pimenta, a cujo estudo me hei-de referir, fizeram a crítica histórica de importantes passagens do romance e verificaram haver por parte de Camilo grandes afastamentos da verdade. Mas o que é certo é que o autor do *Amor de Perdição* esteve em Verdemilho e no Bonsucesso e na Quinta da Oliveira a examinar os sitios por motivo do seu romance e nenhum ontro motivo lá o atraía, pois a quinta já ao tempo estava deshabitada da família Melício e sòmente entregue a uns humildes caseiros.

Mais viva, por mais próxima, era ali a tradição do *Fidalgo Sapateiro*, que deixou descendência no Bonsucesso, e Camilo não a aproveitou.

E' de crêr que um personagem de quem o romancista insigne fez o *Velho da Ermida* tenha realmente utilizado aquêle ameno refugio para última pousada do seu forçado erradio.

Chegou-me ainda, oralmente, a tradição local do *Velho da Ermida*, mas não posso garantir que essa tradição fôsse totalmente alheia à leitura do romance por parte de alguns naturais. O que é certo é ter havido em Verdemilho uma colónia judaica; terem vivido ali, pelo menos, famílias várias de progenitura israelita. A nomeada dos *Judeus de Verdemilho* não se deve apenas, como muita gente supõe, ao facundo e caricatural aspeito que os barristas aveirenses imprimiram às figuras dos algozes e soldados romanos do Calvário da capela da Senhora das Dôres. Em Verdemilho viveram pacificamente famílias judaicas cuja reminiscência, muito diluida embora, se pode talvez encontrar em certos caracteres de elegância e donaire, actividade e costumes da população do risonho povoado.

Não é de estranhar, pois, que, por simpatia e atracção de raça, o Dr. Francisco Luiz de Abreu, ou outro ilustre perseguido do Santo Ofício, tivesse escolhido aquêle lugar para o seu derradeiro remanso.

Em próximo artigo continuarei no assunto, embora, como freqüentemente me sucede, a muitos enfade, mas o meu desejo era despertar recordações ou conhecimentos que a êste respeito, melhor do que eu, outros possam ter.

Crónica alfacinha

Lisboa de todos os dias

Lisboa, a princezinha encantada, dorme ainda, docemente velada pelo Tejo prateado.

São 6 horas. O céu vai-se azulando emquanto desaparecem as estrêlas rutilantes.

Dentro em pouco começam os primeiros pregões.

Lisboa acorda. Abrem-se janelas, aumenta o ruído, sacodem-se os últimos tapetes e as fábricas lançam as primeiras vaporadas de fumo, desde que já não podem apitar.

São 8 horas. Aumenta o movimento nas ruas, a manhã está pouco morna como todas as do verão de S. Martinho. Operários apressados correm ao labor cotidiano.

São 9 horas. Vai aquecendo a dia. O azul do céu é mais puro; há alegria nas ruas, movimento, ruidos. Raparigas gentis partem em tôdas as direcções, para as oficinas, escritórios, consultórios; a bata num braço, a pasta ou a lancheira na mão, sorriso nos lábios, corações cheios de esperanças afrontam corajosamente a vida. Homens novos, vão ao encontro das suas ocupações sem desfalecimentos. Abrem-se portas de estabelecimentos, anda-se nas ruas quási aos encontrões.

São 10 horas. Tomam-se de assalto os carros; é a hora dos funcionários públicos. Dentro das lojas a azáfama atinge o máximo. Pó que se limpa, vidros que se lavam, montras que se enfeitam; empregados que atendem duas ou três pessoas ao mesmo tempo. Enchem-se os mercados, os estabelécimentos; todos querem ser atendidos, porque em Lisboa tôda a gente anda apressada sem mesmo saber porquê.

11 horas. Normaliza-se o movimento de giga à cabeça, as vendedeiras sobem e descem escadas. As donas de casa preparam os almoços.

12 e 13 horas. Correm em tôdas as direcções môços e velhos à procura da habitual refeição. O patrão dá duas horas para o almôço; é necessário aproveitá-las; por isso, nem o vestido amarrotado, nem o colarinho aberto se repara. E' difícil encontrar um lugar num carro, nem mesmo que se vá de pé.

14 horas. Regressa-se ao trabalho. Há de novo mais movimento nas ruas e voltam a abrir-se os estabelecimentos.

O lisboeta está habituado ao seu café e antes de entrar para o serviço não se esquece de o tomar em qualquer casa do ramo.

15 horas. Começa a tarde *chic;* fazem-se visitas, procuram-se modas, vai-se ao cabeleireiro, à manicure, à modista.

16 horas. As mulheres passeiam para melhor verem e serem vistas e os homens, que não têm que fazer, seguem-nas.

17 horas. Hora elegante por excelência. Tanto para os encontros amorosos como reüniões nas salas de chá, que geralmente servem para crítica mordaz ou discussão política. A tradicional chávena de chá é um pretexto. Com ela se dissimula um sorriso, se encobre um segrêdo, se compra um capricho.

18 horas. Desce-se lentamente o Chiado. Agora não pode haver pressas porque todos tropeçavam e caiam.

Platinadas ou loiras, bronzeadas ou pintalgadas procuram uma conquista, um milionário refugiado ou um menino *swing;* e êles, em delambidas palavras de amôr, seguem-nas empertigados. As ruas da baixa são o mostruário vivo da época.

19 horas. Caminha-se mais veloz, fecham-se as lojas. O ruído é quási ensurdecedor. Pensa-se no fumegante e cheiroso jantar

20 horas. Os cafés animam-se e às portas dos cinemas formam-se bichas.

21 horas. Anciedade para os amorosos. Começam os espectáculos. Discute-se a guerra em pequenos grupos mal formados.

22 e 23 horas. Entre dois dedos de conversa e um *garoto* distraem-se os neurasténicos e em volta do pano verde que cobre a mesa de jògo a bilharada faz esquecer a luta diária. Nos lares as mulheres ocupam-se dos bordados ou lêem umas páginas de romance, depois de arrumada a cosinha, emquanto esperam os maridos ou vigiam os filhos.

24 horas. Discutem-se os filmes. Os pacatos procuram o lar, os outros começam a noite de pândega até que romper a madrugada.

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Novo barco

—o—

Vai ser lançado à água no próximo dia 28 o carregueiro *Marianela*, que está a acabar de se construir nos estaleiros da Gafanha sob a direcção do mestre Manuel Maria Mónica.

Visitámo-lo na quarta-feira juntamente com os representantes da imprensa diária nesta cidade e a convite de um dos sócios gerentes da Emprêsa Continental de Navegação, organizada pelo saüdoso António Máximo. É um excelente navio de 900 toneladas, 53 metros de comprido, 10 de boca e 5 de frontal. Tudo de madeira, bem apetrechado para o fim a que se destina — transportes da praça de Aveiro — o *Marianela*, explicou o dr. Alberto Souto em nome da Emprêsa, é das maiores unidades até hoje construidas entre nós. Depois, numa salêta onde todos nos reunimos, foi, pelo mesmo, invocada a memória de António Máximo, a sua actividade, o seu dinamismo, os seus conhecimentos, a sua esfera de acção, numa homenagem simples, mas comovente, tendo-se associado a ela os srs. Pompeu Pereira e Fonseca Dias, gerente da firma F. Alves Moimenta, L.da, de Lisboa, também presente.

O navio, como atrás fica dito, vai para a água no dia 28, de tarde. Se o tempo estiver bom deve ser um espectáculo magestoso como tantos que já têm sido presenciados nos estaleiros da Gafanha.

Atenção para a 4.ª página

O dever da pontualidade

De um artigo do sr. dr. Mário Gonçalves Viana publicado a semana passada, na *Escola Portuguesa*, sob o título da epígrafe, respigamos as seguintes passagens:

O homem que aprende a ser pontual adquiriu antecipadamente duas outras virtudes: vontade consciente e persistência.

Mas a pontualidade não é, apenas, uma virtude de interesse individual, é também uma virtude social. Aquêle que chega sempre a tempo, na hora própria, na hora prèviamente marcada, é um elemento de ordem e de equilíbrio adentro das sociedades.

. . . .

O homem que não é pontual é uma creatura sem palavra e perturba a vida social: 1.º, chega atrazado ao emprégo; 2.º, chega atrazado aos teatros e cinemas; 3.º, chega atrazado aos encontros e reüniões marcadas de antemão; 4.º, não entrega os seus trabalhos nos dias e horas fixas.

Ocasiona sempre esperas, arrelias, azedumes, discussões, ralhos e prejuízos.

Que é isto se não indisciplina e desordem?

E a terminar:

Não haja, pois, receio de impor a pontualidade. Ela ensina o método e o respeito: é base do progresso social e do progresso intelectual.

Muito bem, sr. dr. Mário Gonçalves Viana. E' assim mesmo.

Em Aveiro êste abuso é constante, pois o dever da pontualidade quási não existe.

Haja em vista, para não irmos mais longe, o que se passa no nosso Teatro.

Querem exemplo mais frisante?

Crónica tripeira

Foi-se a treva, voltou a luz

O aspecto triste e melancólico que durante algum tempo apresentou a cidade do Pôrto, motivado pela restrição da luz, deixou de existir, extinguiu-se por completo.

A cidade retomou, portanto, a sua fisionomia nocturna, própria das grandes capitais.

Os rèclames voltaram de novo a projectar os seus raios luminosos de variegadas côres, iluminando o espaço, dando-lhe um pouco de claridade nas noites sem luar.

As montras dos estabelecimentos inundaram-se de luz, atraindo as atenções do público para as recentes novidades expostas.

As ruas têm mais movimento, automóveis passam velozes, respira-se um ambiente de Paz e Felicidade.

Cidade velha

O Pôrto, como qualquer outra cidade, tem ainda ruas tortuosas, os seus becos e vielas sombrias, artérias que constituem a chamada cidade velha.

Embora hoje sejam povoadas pelas classes pobres, não perderam ainda o seu valor histórico e lendário.

Ao percorre las, quando o silêncio impera, vem à nossa mente a recordação do passado, que está sempre presente.

Pela calada da noite, quando a cidade dormia, ouvia-se o tanger duma guitarra, o trinado duma garganta, cantando um dolente fado.

Uma janela se abria, uma mulher formosa e bela surgia para o ouvir.

As suas pedras, denegridas pela acção do tempo, foram testemunhas oculares de muitos duelos à espada e à pistola, travados em defesa da honra duma mulher.

Na hora presente, em que cidades, vilas e aldeias estão passando por uma transformação radical, o Pôrto, a segunda cidade do país, não pode nem deve ficar alheio ao progresso.

A demolição da parte velha da cidade impõe-se, como uma necessidade, para dar lugar à construção de novas ruas e avenidas, à edificação de prédios cheios de luz, de ar e de sol, para assim a segunda capital ficar no nível das grandes e modernas a que tem direito.

ALEXANDRE CASIMIRO

Cartas a uma amiga de longe

Novembro, 1943

Minha querida:

Se não fossem os gostos, que havia de ser do amarelo? Na verdade, se todos gostássemos do mesmo, que desordem iria por aí fora!...

Falas me na tua última carta, com todo o entusiasmo, duma caçada ao monte. Confesso-te que essa distracção encontra em mim uma entusiasta mais fria do que aquelas montanhas de gêlo, que se desprendem das regiões polares e vêm por ali fora, ameaçando as vidas e embelezando o mar. Não sinto a mínima atracção por êsse passatempo. Concordo que seja muito higiénico, salutar até, um belíssimo exercício para desentorpecer os músculos e acalmar os nervos, mas que queres? Não gosto.

Realmente o prazer da caça faz parte integrante do homem desde o comêço do Mundo, pela necessidade que tinha de obter sustento. E à medida que se civiliza foi aperfeiçoando a arte de abater a bicharada com a maior tranqüilidade de consciência, dizendo lá para consigo que, sendo êle o rei da criação, os deuses criaram os mamíferos quadrúpedes e as aves, ùnicamente para seu sustento... Pensou assim o homem primitivo e pensa da mesma maneira o do século XX e tu também, é claro, pois também és caçadora. Estais, talvez, dentro da razão certamente; mas a mim impressiona-me profundamente que, por prazer, se tire a vida a tôda a espécie de animais indefesos, que não fazem mal a ninguém e que vivem sossegadamente nas suas grutas do monte ou que esvoaçam de dia na amplidão do céu.

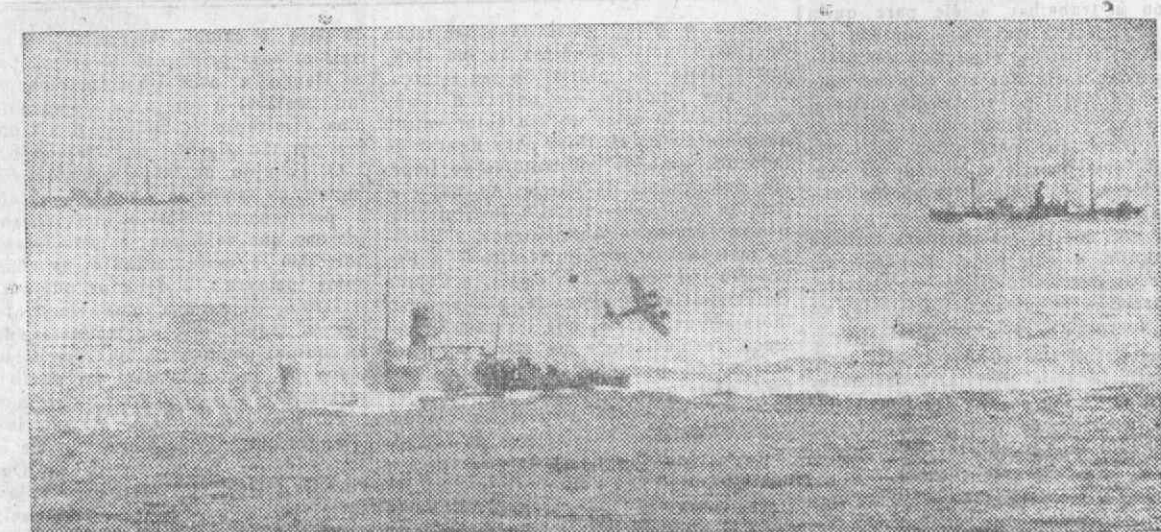
Compreendo que se abatam aquelas feras medonhas que povoam as florestas quási virgens da A'frica, A'sia e América e que se sinta emoção, entusiasmo até nessas caçadas em que se matam bichos que nos podem matar, mas não percebo que prazer nos dará matar um bichito que tem mêdo de nós e que mal nos sente foge quanto pode sem sequer lhes passar pela idéa atacar-nos. A caça é, na verdade, de todos os tempos, mas deves concordar que a do homem primitivo era mais leal e mais natural—lutava corpo a corpo com a prêsa e matava para não morrer à míngua. Vocês matam covardemente, ferrando uma chumbada ao primeiro passarito que, guizado, não quebra o jejum a ninguém. Se, por acaso, em plena serra nos sai ao caminho um lobo esfaimado, logo se mobiliza um batalhão de caçadores e dos mais experimentados para abater o animal, enfraquecido pela fome...

Que heroicidade a vossa!...

Longe a idéa de discutir gostos alheios; mas para mim escusas de perder tempo a contar-me as tuas façanhas de caçadora de perdizes e lebres, pois essas proezas não me entusiasmam, nem as compreendo.

Um abraço da

Zèmi

A' MARGEM DA GUERRA

BOMBARDEIROS E CAÇAS DA R. A. F. ATACAM UM COMBOIO INIMIGO AO LARGO DA COSTA HOLANDESA

Atenção para a 4.ª página

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as srs.as D. Maria Augusta Rangel de Quadros Almeida e D. Maria da Conceição Rodrigues, esposa do sr. Luiz Manuel Rodrigues, funcionário do Secretariado da Propaganda Nacional, e o sr. João Baptista do Amaral Brites, 1.º sargento de Infantaria 10; àmanhã, a gentil Néné, filha do sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal; no dia 22, o sr. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal; a Leninha, filha da sr.a D. Maria da Glória Morgado, e a Fernandinha, filha do sr. José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gândara (O. de Azemeis); em 23, as sr.as D. Conceição Dias Morais, esposa do capitão de cavalaria sr. António Rodrigues Morais e D. Lidia da Costa Crêspo, residente em Cruz da Légua (Porto de Mós); o nosso bom amigo Carlos Aleluia, da acreditada Fábrica Aleluia; os srs. José Meireles, Manuel F. Leite Pais e José Moreira de Matos, e a interessante Julia Seabra Duarte e os meninos Carlos Augusto Nóbrega e Silva e Mário Manuel da Naia Ferreira, filhos, respectivamente, dos srs. Severim Duarte, tenente Natividade e Silva e dr. Manuel Seabra Ferreira, médico em Sangalhos; em 24, a sr.a D. Maria da Conceição Rezende, irmã do sr. dr. Vieira Rezende, médico especializado em doença pulmonares; em 25, o sr. Joaquim Dias Abrantes, e em 26, a sr.a D. Belmira Varela de Brito Vidal Crespo, professora oficial e esposa do sr. Américo Crêspo, funcionário da Direcção de Finanças, e os srs. Jorge Marques e Alexandre Casimiro, nosso colaborador do Pôrto.

Casamentos

Civilmente, consorciou-se na penúltima quinta-feira, a menina Maria Hortélia Pereira, dilecta filha da sr.a D. Julia Ramos Pereira, com o estudante Manuel Angelo Ferreira da Cunha, filho do sr. capitão Manuel Lourenço da Cunha, antigo chefe da extinta Banda de Infantaria 10.

Assistiram ao acto pessoas de família da maior intimidade dos nubentes, tendo-o testemunhado os srs. dr. Manuel Soares, médico local, e Estêvão da Cruz Ventura, residente em Algés.

Depois do copo de água, servido na residência da mãe da noiva, os recem-casados partiram, em viagem de núpcias, para o norte.

Desejamos-lhe um futuro venturoso.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. João Godinho de Almeida, empregado no Banco Pinto & Sotto Mayor, do Porto; Alexandre Casimiro, residente na mesma cidade; Diamantino Jorge, da Taipa; Artur Amador, de Eixo, e o rev.º Manuel da Silva Marcelino Novo, pároco de Abiúl (Pombal).

Doentes

No Hospital da Misericórdia foi operado da apendicite, no último sábado, o hábil clínico sr. dr. Joaquim Henriques, que ainda ali se encontra em tratamento.

Intervieram, o distinto cirurgião sr. dr. António Brêda, de Agueda, coadjuvado pelo sr. dr. Nogueira de Lemos, que para esta cidade veio exercer a sua profissão, acreditando-se.

Desejamos o completo restabelecimento do enfêrmo.

Carta de Lisboa

Eng. Duarte Pacheco

O desastre de que foi vítima o sr. eng. Duarte Pacheco, ilustre Ministro das Obras Públicas, causou em Lisboa e, seguros estamos que em todo o país, a maior e mais profunda consternação. Compreende-se, de resto, que assim seja.

Grande parte notável do renascimento nacional, realizado pelo Estado Novo, sob a égide de Salazar, é obra da mocidade magnífica, do dinamismo incomensurável do eng. Duarte Pacheco.

A sua extraordinária obra é das melhores e das mais completas legendas dêste período de renascimento completo que caracteriza tôda a obra da Revolução. Grande e admirável espírito de organizador, o eng. Duarte Pacheco pôde fazer do Ministério das Obras Públicas, de que foi o primeiro titular, um departamento do Estado, onde a burocracia cedeu sempre o passo às maiores e mais grandiosas realizações. Por isso, o seu nome e a sua obra, são, já hoje, um título imperecível dum grande capítulo da obra do Estado Novo.

A Exposição de Arte Espanhola

A admirável realização da Exposição de Arte Espanhola Contemporânea veio a ser mais uma grande e louvável afirmação do valor da fraternidade peninsular.

A Espanha trouxe até Lisboa o que tem de melhor na sua pintura contemporânea.

Fê-lo, porém, abrindo museus que até agora estiveram sempre fechados, fazendo passar a fronteira obras que jàmais tinham conhecido os cantos do estrangeiro. Abrindo uma excepção para a Exposição de Lisboa, excepção também feita por muitos particulares que cederam trabalhos das suas colecções preciosas, a Espanha e os espanhois quiseram, mais uma vez ainda, afirmar a sua muita consideração por Portugal, patentear, de maneira bem clara, o valor desta fraternidade, que já nada deminui nem apoucará.

CORDEIRO GOMES

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	11,15 (»)
6,54 (tram.)	15,41 (tram.)
11,10 (tram.)	19,34 (rápido) [1]
13,23 (rápido) [1]	21,52 (recov.)
17,24 (tram.)	Do Porto chegam tram. às 7,53 e 21,07 que não seguem.
20,40 (»)	

(1) Às terças e sextas-feiras.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
8,04	10,48
13,50	15,20 (1)
16,20 (1)	19,11
19,42 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

«O Democrata»
ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.

Atenção para a 4.a página

Aos fabricantes de queijo e manteiga

Os estabelecimentos JERÓNIMO MARTINS & FILHOS, L.DA, tem a honra de avisar que, para melhor servir os seus estimados clientes, instalou um novo Depósito da sua Secção Industrial, na

Drogaria de Aveiro, L.da

AVEIRO

a qual tem em armazém Desnatadeiras, Batedeiras, Coalhos, Corantes, Filtros, aparelhos para análise do leite, queijo e manteiga, e em geral todos os artigos necessários para a

Indústria de Lacticínios

Ordem dos Advogados

ÉDITOS DE 30 DIAS

Para os devidos efeitos se anuncia que pela Delegação da Ordem dos Advogados na Comarca de Anadia correm éditos de 30 dias, convidando tôdas as pessoas que tenham conhecimento de quaisquer factos relativos à vida profissional do advogado Doutor César Ferreira Cardoso, desta comarca, a virem a esta Delegação, dentro daquêle prazo, prestar os seus depoimentos.

Anadia, 2 de Outubro de 1943

O Delegado da Ordem dos Advogados

José Rodrigues

O Secretário

Custódio Silva

Secção Desportiva

Foot-ball

Beira-Mar, 2 — S. C. Espinho, 4

O Estádio Mário Duarte voltou, domingo, a ser teatro de novo encontro em que se degladiaram o *Sporting*, de Espinho, e o *Beira-Mar*, desta cidade.

O resultado mais uma vez foi desfavorável aos aveirenses, o que já estava previsto, devido aos elementos que constituem a linha beiramarense que a-pesar-de ter *anexado*, à última hora, Décio Cerqueira, que em épocas remotas tanto se evidenciou como avançado, não evitou a derrota.

Ao contrário, o *Sporting* continua a manter as características doutros tempos, jogando com a mesma toada, muito embora a sua exibição deixasse muito a desejar.

A principal causa da decadência do *foot-ball*, nunca é de mais repeti-lo e acentua-lo, deve-se ao desinterêsse com que tem sido olhado pelos dirigentes do popular club que parece terem adormecido à sombra dos louros colhidos, deixando correr os marfins...

Esta é que é a verdade embora a pretendam sofismar, alterando-a ao sabor das conveniências.

A.

Câmara Municipal de Ovar

— o —

Concurso para obras

A Câmara Municipal dêste concelho faz saber que está aberto concurso público para a adjudicação da empreitada a paralelipipedos da rua de Luiz de Camões, desta vila, até às 17 horas do dia 25 do mês corrente, hora a que se procederá à abertura das respectivas propostas na sala das sessões.

Para serem admitidos ao concurso, terão os concorrentes de fazer o depósito provisório de 2.835$00 na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante guias requisitadas na Secretaria da Câmara e o depósito definitivo será de cinco por cento da adjudicação.

As propostas serão apresentadas em carta fechada e os projecto, programa do concurso e caderno de encargos estão patentes na Secretaria todos os dias úteis das 11 às 17 horas.

Ovar e Paços do Concelho, 4 de Novembro de 1943.

O Presidente,

Manuel Pacheco Polónio

Testa & Amadores

Comissões, Consignações, Cereais, Ferragens e Mercearia

Vidraça

Depositários de petróleo e gasolina

SHELL

Rua Eça de Queirós

AVEIRO

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 21 (ás 15 e 21 h.)

O grande filme da *Metro*

Flôres do Pó

Terça-feira, 23 (às 21 horas)

Uma noiva caída do Céu

com a grande artista Bette Davis

Quinta-feira, 25 (às 21 h.)

O grande filme musical

A casa sem luz

BREVEMENTE:

O Filho da Selva

Sensacional filme colorido interpretado pelo prodigioso *Sabu*

Companhia de Seguros

O TRABALHO

Não façam os seus seguros de Acidentes no Trabalho sem consultar os escritórios da Agência Distrital **O Trabalho**, Companhia de Seguros em todos os ramos, sita à Rua Mendes Leite, n.º 4, em Aveiro.

Vantajosas e interessantes modalidades nos **seguros de vida.**

Peçam uma consulta.

Visitem o seu Pôsto de Socorros e procurem saber a pontualidade como se tratam todos os sinistrados e a forma como recebem, todos os sábados, as importâncias a que têm direito, sendo esta a cópia do que se faz em Lisboa e Pôrto.

Parteira diplomada

Alcinda Machado

PARTOS E TRATAMENTOS

— Rua da Manutenção Militar, 13 —

COIMBRA—Telefone 3.130

Fourgonette

Compra-se gastando 8 a 12 litros aos 100 Km.

Dirigir carta a esta Redacção, com as iniciais *P. F.*, com detalhes e preço.

Pensão-Restaurante

Passa-se muito afreguesada e em bom local, preferida pelas excursões tanto do norte como do sul e ainda pelos viajantes de todo o país.

Nesta Redacção se indica.

COFRE

De duas portas ou monobloco, compra-se.

Informa telefone 228—Aveiro.

Casal com filhos

Precisa-se para trabalhar na lavoura numa quinta em Moranzel. Dirigir a José Costa—Murtosa.

Madeira de castanho

Vende-se por junto e a retalho.

Rua Direita, 68—AVEIRO.

Quintinha

Compra-se com casa, com comodidades, nesta região ou próxima.

Dirigir a *Pimentas & C.ª L.da*

Rua do Almada, 167-1.º—Porto

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

em língua portuguesa

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49.0	WRUL	38.4	WKLJ	39.7	WBOS	48.9
8,45	WKTS	49.0			WKLJ	39.7	WBOS	48.9
9,45					WKLJ	30.8	WBOS	25.3
12,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WRUW	25.6	WGEO	19.6
13,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WRUW	16.9	WRUL	19.5
17,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8				
18,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WGEA	25.3		
19,45	WRUA	26.9	WRUS	19.8	WGEO	31.5	WKLJ	30.8
20,45 às 21,15	WRUA	39.6	WRUS	31.4	(meia hora de programa especial)			
21,45	WRUA	39.6	WRUS	31.4	WKLJ	30.8		
22,45					WKLJ	30.8		
23,45					WKLJ	30.8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas na freqüência de 48,43 m. 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m.

(Emissões diárias)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Relógio de confiança

só na

Ourivesaria Lopes, Sucessores

Praça 14 de Julho — AVEIRO

(Junto ao consultório do sr. dr. Alberto Machado)

Lâmpadas eléctricas

Ricardo M. da Costa

Rua da Corredoura—AVEIRO

Dr. Ribeiro da Costa

Doenças das Crianças

Com prática dos Dispensários do Pôrto

Consultório

Praça do Comércio

Consultas das 16,30 ás 19 horas

Residência

Avenida Central

FÁBRICAS ALELUIA

ALELUIA & ALELUIA

AZULEJOS BRANCOS E PINTADOS — LOUÇAS DECORATIVAS, SANITÁRIAS E DOMÉSTICAS

Fábrica Aleluia

Canal da Fonte Nova (TELEF. 22)

Fundada em 1905 por João Aleluia

Fábrica Gercar

Rua das Olarias (TELEFONE 87)

Fundada em 1924

AVEIRO

Visitai o Parque da Cidade

Pedro de Almeida Gonçalves

MÉDICO

DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Clínica geral

Consultas todos os dias úteis das 9 às 12 e das 15 às 18 h.

Praça do Comércio

(Em frente aos Arcos)

— AVEIRO —